

TRILHA MUSICAL

P. R. Browne

A gravação em "long-play" da faixa musical de *Garôta de Ipanema* pode abrir definitivamente o mercado fonográfico à música de filmes brasileiros. Desde a aparição do LP no Brasil, por volta de 1953, são raros os casos em que uma gravadora tenha se interessado em editar trilhas sonoras. Por exemplo, as canções de *O Cangaceiro*, que a RCA gravou em 78 r.p.m., apesar de sua popularidade, só foram reunidas num compacto depois que o compositor Remo Usai conseguiu pôr nas discotecas duas de suas partituras (*Pistoleiro Bossa Nova* e *Bôca de Ouro*), que obtiveram certo êxito de venda. A etiqueta Forma aproveitou a moda da bossa nova, que invadia também o cinema, divulgou versões orquestradas e vocais com temas de filmes, e até gravou em álbuns de luxo as trilhas de *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (canções de Sérgio Ricardo, excertos de diálogos; não a música de Villa-Lôbos, cujos direitos são reservados pela Ricordi italiana) e *Esse Mundo é Meu*. Ganharam as paradas de sucesso os temas de *Ganga Zumba*, *Couro de Gato*, e agora *Garôta de Ipanema* — tendo por carro-chefe o próprio título — põe em questão o interesse que a música de filmes pode despertar no público brasileiro. Na França, poucos são os filmes do país cujo "score", completo ou parcial, não pode ser encontrado nas lojas. Os Estados Unidos igualmente multiplicam as edições de "soundtraks", e hoje 60 por cento da produção hollywoodiana é beneficiada com os lucros extras do mercado paralelo à exibição. Naturalmente, na América, os requintes técnicos e o nível sonoro, a categoria dos músicos e a experiência dos regentes asseguram de saída o valor do material pôsto à disposição do público. Nesse sentido, deve-se notar que em nenhum caso a gravação em LP é rigorosamente a trilha sonora original. Por razões práticas, os compositores-regentes preferem regravar seu "score" depois de adaptá-lo a uma forma sinfônica de suíte ou aos limites da gravação. E não há perigo de que o autor seja burlado em seus direitos autorais, porque a American Society of Composers, Authors and Publishers exerce severa vigilância.

NOVIDADES

DR. DOLITTLE (FOX-DTC 5101) — Outro êxito, com Rex Harrison, Samantha Eggar e Richard Attenborough, dirigido por Richard Fleischer. Há ainda a gravação de Sammy Davis Jr. sob o selo Reprise (R/6264). Algumas canções estão no "hit parade": "When I Look in Your Eyes" e "My Friend, the Doctor".

THE TRIP (ST5 908 — Trilha do último filme de Roger Corman, com Peter Fonda e Susan Strasberg, sobre os "beatniks" nova-iorquinos. Novidade: tôda a partitura é gravada eletronicamente por um computador de frequências.

WAIT UNTIL DARK (RCA-3329) — "Thriller" baseado numa peça de sucesso na Broadway (onde levou a direção de Arthur Penn), valorizado pelo talento — cada vez mais em ebulição — de Henry Mancini, o compositor de *Papai, Você Foi Herói?*, *Two For the Road* e *Peter Gunn*. O estilo manciniiano é sobretudo evidente porque o próprio autor executa o solo de piano. Não deixa de ser um arranjo diferente a obra de Mancini, um exercício como o de *Escravas do Médio* (Experiment in Terror).

THE BALLAD OF THE WATERHOLE (Smash-S2121) — "Western", o primeiro realizado pelo sofisticado Blake Edwards, cuja música foge bastante aos padrões do gênero (uma pequena "revolução" iniciada por Neal Hefti em *Duelo em Diablo Canyon*). Roger Miller interpreta a canção-título.

CAMELOT (War-1712) — A dupla de *My Fair Lady*, Frederick Loewe (música) e Alan Jay Lerner (letra), obteve nôvo êxito com esse "show" da Broadway, convertido em filme pelo especialista Joshua Logan (que anteriormente adaptara *South Pacific*). A orquestra atua sob o comando de Moss Hart e o LP é um álbum de luxo, bem superior à versão de Percy Faith, orquestrada (Col-1570). *Camelot* reúne Richard Harris, Vanessa Redgrave e David Hemmings.

INTRODUÇÃO

À

ENCICLOPÉDIA

Pela primeira vez em língua portuguesa tem início — na presente FILME CULTURA — a edição de uma enciclopédia especializada em cinema. A equipe editorial do Instituto Nacional do Cinema avalia perfeitamente a magnitude da tarefa, mas a enfrenta com a certeza de que o empreendimento não poderia ser adiado. Começa, assim, com a letra "A", setor *Diretores*, a ENCICLOPÉDIA FILME CULTURA, mais um importante passo no terreno das atividades culturais do INC.

Abrimos a ENCICLOPÉDIA com os *Diretores*. Depois chegaremos aos *Atôres*, *Produtores*, *Roteiristas* e demais artífices desta arte. Também estão em nossos planos os setores *Filmes* — seleção das obras mais significativas da História do Cinema, apoiada em textos informativos e críticos — e *Técnica*, assim como informações bibliográficas e outras de interesse geral.

Uma atenção especial se voltará para o cinema brasileiro. Nossa responsabilidade é maior em relação ao cinema do País: estudamos, entre outras iniciativas, um número especial de FILME CULTURA sobre as atividades cinematográficas no Brasil, quando então focalizaremos todos os realizadores do cinema nacional.

Desde a letra "A", do setor *Diretores*, o leitor verificará que, em todos os casos em que as pesquisas nos conduziram a filmografias completas, a lista dos filmes sucede, em ordem cronológica, à parte informativa, ou informativo-crítica, do verbete. Nos outros casos, a equipe procedeu a uma seleção inscrita no corpo do verbete. Na medida do possível, damos os títulos originais e os seus correspondentes brasileiros.

Está assim constituída a equipe de redatores da ENCICLOPÉDIA FILME CULTURA: Antonio Moniz Vianna, Carlos Fonseca, Ely Azere-do, Jaime Rodrigues, Paulo Perdigão, Ronald Monteiro e Salvyano Cavalcanti de Paiva. Direção geral: Antonio Moniz Vianna. Coordenação de redação: Regina Paranhos Pereira. Documentação e Pesquisas: Flavio Manso Vieira.